

O assessor -- © 2004 por J Henry Phillips

Era o tipo de figura que as pessoas procuravam evitar na rua, espichado e maltrapilho, integrante da classe dos sem-nada. Não bastavam esses dotes, havia ainda o hábito de falar sozinho -- motivo pelo qual era conhecido, íntimo até, dos especialistas em saúde mental e frequentadores dos hospícios do estado. Mas Genoíno era uma pessoa dócil e amigável que jamais representaria ameaça a ninguém, não fosse esse estranho hábito de conversar com interlocutores invisíveis.

É claro que tinha locutores visíveis também. Os xepeiros que vinham catar restos na hora de desmanchar as barracas da feira livre consideravam o Genoíno quase como parente. Afinal, entre as deles, essa sua excentricidade já não dava tanto na vista. Zeca Mula, dono de uma pequena carroça puxada pela mula preta Azambuja, pechinchava sobras com os feirantes. Estas ele tocava morro acima para revenda e distribuição aos seus na favela próxima. Azambuja era fã do Genoíno, que fazia questão de dividir com a mula alguns petiscos achados no lixo da feira.

-- 'Dia seu Zeca. Trouxe umas cenouras quebradas para a Azambuja.

-- Nois que agradecemos, Genoíno. A coitadinha ficou manca na semana passada e quase não pôde pastar. Miorô que já consegue trabaiá um pouco, mas tá magrinha, magrinha.

Azambuja mastigou com avidez as cenouras e, enquanto Genoíno coçava-lhe as orelhas, meteu o focinho no bolso do seu terno surrado na esperança de ali achar algumas outras sobras.

Genoíno não entendia porque as pessoas o evitavam. Tampouco sabia porque não ouviam as vozes com as quais conversava, mas aceitava o fenômeno com a mesma naturalidade com que aceitava os relatos de manifestações sobrenaturais. Para ele era uma questão de sina; de direitos de acesso que seriam prerrogativa sua e não dos outros. Tratava-se afinal de uma espécie de intimidade que só ele teria com seus interlocutores. Desde menino ele manifestava estes poderes, mas só agora, homem feito, começava a perceber seus pares -- outras pessoas que aparentavam ter poderes similares.

No início eram poucas, no entanto, pessoas nada como ele. A maioria andava rápido, de gravata e paletó; carregava pasta e consultava relógio de pulso. Iam e vinham, falando, volta-e-meia, com pessoas ausentes. Alguns caminhavam segurando contra a cabeça uma espécie de carteira, como se confabulasse com o próprio dinheiro; outros ficavam com a mão no queixo, evidentemente atônitos perante pronunciamentos dos interlocutores que só eles viam. Logo sumiram as "carteiras", restando apenas o pessoal de mão no queixo.

Genoíno acabou -- sem pensamento ou premeditação -- imitando a estes. Colocava a mão no queixo e continuava nos diálogos de sempre. A transformação evoluiu os poucos, despercebida mesmo pelo próprio Genoíno. Os transeuntes, que antes o evitavam, hoje agiam como se atraídos à sua pessoa. Estranhos pediam informações, ofereciam cigarros e puxavam conversa -- alguns chegavam a oferecer-lhe dinheiro pelos legumes que carregava. Um senhor alto o presenteou com um terno usado que lhe caiu como uma luva. Logo as mocinhas começavam a espreitá-lo pelo rabo do olho.

Ao passo que Genoíno subia no conceito das pessoas, estas se aproximavam cada vez mais dele. Foi então que começou a reparar nos telefones celulares. Como não era fumante, trocou sua coleção de cigarros por um celular sem pilha, com um mendigo que especulava em artefatos de origem suspeita - e passou a segurar o telefone no queixo enquanto dialogava. Aliás, mal tinha tempo para os seus interlocutores de sempre. Universitárias puxavam papo, muitas vezes convidando-o às palestras e apresentações para depois continuar a conversa. Ganhava livros e ouvia com atenção os pronunciamentos dos professores, incorporando no seu vocabulário as suas expressões e locuções prediletas. Bacanas o procuraram pedindo conselhos; foram tantos os sorteados no jogo do bicho que até emprego pintou -- tornou-se assessor de uma seguradora. Ainda anda de celular, só que hoje o celular funciona e as vozes são verdadeiras.